



E - STUDIO

"DE QUANTO PODE A FORTUNA NAS COISAS HUMANAS E DE QUE MODO SE LHE DEVA RESISTIR."

"AINDA QUE NOS CUSTE RECONHECER,

a nossa prática é influenciada pelos postais que nos enviam dos lugares mais banais. Por mapas de estradas, guias turísticos e cartas astrais. Pelos jogos do 'Risco' que perdemos ao tentar conquistar a Ásia."

HÁ POUCOS OFÍCIOS como o dos arquitectos. Alimentamo-nos da nossa própria profissão. Usamos o passado para justificar o que fazemos no presente. Servimo-nos dos edifícios dos outros arquitectos como referência para os nossos. Usamos os edifícios que não foram feitos por arquitectos para mostrar o que está mal feito. Projectamos para convencer a nossa classe, e não os nossos clientes. Comunicamos com uma linguagem própria. Usamos expressões específicas para denominar coisas comuns. Chamamos pavimento ao chão. Empregamos palavras que ninguém usa. Vão, tardoz, zenital. Casamos uns com os outros, e temos filhos que querem ser arquitectos, tal como o avô já era. Reservamos férias em outros países para ver outra arquitectura. Ainda que nos custe reconhecer, a nossa prática é influenciada pelos postais que nos enviam dos lugares mais banais. Por mapas de estradas, guias turísticos e cartas astrais. Pelos jogos do "Risco" que perdemos ao tentar conquistar a Ásia.

Lemos alto "De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se lhe deva resistir", o décimo quinto capítulo do "Príncipe" de Maquiavel. Preferimos supermercados em que não haja grande variedade de produtos. Ficamos hipnotizados por *leds*, *strobes*, *neons* e por tudo o que o João Paulo Feliciano já fez. Abusamos de técnicas de *laser cut*, *rapid prototyping*, *cnc* e *waterjet*. Recebemos a e-flux todos os dias. Idolatramos duplas criativas como os Smithsons, os Eames, o Batman e o Robin. Acreditamos no trabalho em equipa. Coleccionamos enciclopédias ilustradas. Exploramos ingenuamente o mundo dos vinhos do António Saramago, do Jorge Borges, Jaime Quendera e da Filipa Pato. Usamos *software open source*. Entusiasmam-nos arbustos e árvores endémicas, infestantes, trepadeiras, perenes e exóticas. Gostamos dos desenhos e das histórias do Breccia e do Taniguchi.

Oíuscam-nos os cromados das esculturas do Zhan Wang e os banquetes do Rirkrit Tiravanija. Invejamos os turistas que procuram o Lightning Field de Walter de Maria. Alimentamo-nos das imagens do Koyaanisquatsi do Godfrey Reggio. Comparamos a cor laranja das motas KTM com a estrutura dos quadros das Ducati. Gostávamos de vir para o trabalho a pedalar numa Biomega. Discutimos sobre a receita dos *croissants* do Chico Careca. Inventamos cores novas para os M&M's. Apoiamos todos os protestos, manifestações, comícios e revoltas. Preferíamos que o Eça tivesse escrito mais livros. Não entendemos porque desapareceram civilizações como os Maias, Aztecas, Incas, Egípcios, Gregos, Etruscos e Vikings. Sempre nos inconformámos por não ter sido incluída a cena da explosão da aldeia do coronel Kurtz no final do "Apocalypse Now". Perguntamos porque já não se fazem gárgulas nos topos dos telhados. ■

ARQUITECTOS: João Costa Ribeiro | João Ferrão | Sónia Oliveira | Madalena Atouguia | Maria João Oliveira

